RUDOLFO LAGO

Jornalista e comentarista de política

Como com o resto da sociedade, polarização corrói a Polícia Federal

Há por trás da briga do diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, com a Associação Nacional dos Delegados da PF (ADPF) desde questões que beiram o ridículo até uma grossa disputa de poder que replica na instituição a polarização política que corrói toda a sociedade.

Entre os pontos ridículos, há até uma discussão sobre o uniforme da Academia Nacional da Polícia Federal.

Acontece na PF uma eterna discussão relacionada à sua estrutura. Agentes e delegados são cargos estanques. Não há uma carreira prevista pela qual um agente possa ascender à condição de delegado. São concursos distintos. Diferente do que acontece, por exemplo, na Polícia Civil, onde a função de delegado é uma chefia exercida por um policial de carreira. Na gestão de Andrei Rodrigues, estabeleceu-se que o uniforme na Academia seria igual para todos. Os delegados reclamaram formalmente. Queriam para eles um uniforme diferente.

Segundo uma fonte da PF, parte das divergências dos delegados é fruto de uma disposição de Andrei Rodrigues de passar a diferenciar menos os agentes dos delegados. Mas tem, sem dúvida, como principal pano de fundo a disputa política entre bolsonaristas e petistas dentro da instituição.

Os conservadores são hoje a maioria na Polícia Federal. No caso da instituição como um todo, diz a fonte, estaria dividida em meio a meio com relação a quem está na ativa. Mas é a grande maioria entre os aposentados – muitos oriundos dos tempos da ditadura – e também entre os delegados. O desempenho de Flávio Bolsonaro (PL) no primeiro turno fez com que essa maioria conservadora imaginasse que teria poder de decisão na sucessão de Andrei Rodrigues. E passou a trabalhar para desgastá-lo.

O caso do afastamento dos delegados na apuração do caso Master foi a gota d'água de uma situação que já durava algum tempo. A razão formal foi que eles não teriam atendido à determinação do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, de enviar um relatório somente com os fatos apurados, sem fazer juízo de valor. Mas, no fundo, é o ápice de um desgaste que já havia.

Andrei Rodrigues já tinha manifestado sua disposição de não continuar à frente da PF. O que aumentou ainda mais a pressão dos grupos pela sua sucessão. Há nomes colocados nessa disputa. O presidente do Conselho de Controle da Atividade Financeira (Coaf), Ricardo Saadi, delegado da PF. A diretora de Gestão de Pessoas da polícia, Helena de Rezende. O diretor-executivo William Murad. E o secretário de Segurança Pública da Bahia, Marcelo Werner.

No meio desse rolo, se Lula pedir a Andrei Rodrigues que fique, ele naturalmente aceitará. Mas não tem essa disposição. No fim, de novo, é a política. Que, no Brasil, virou questão pessoal.

ALEXANDRE GARCIA

Novos cabrais

O decano do Supremo, Ministro Gilmar Mendes, esta semana declarou que a crise é geral, não apenas do Supremo. É verdade. Mas ao estar no Supremo, derrama-se pelo Judiciário, até chegar às pequenas causas. E quando alguém escreve "ladrão" numa faixa e a Polícia Federal deduz que se refere ao Presidente da República - ou um deputado pronuncia "ladrão" e um general entende que se refere ao seu Comandante Supremo, então a crise também está no Poder Executivo e na área militar. Quando o tesoureiro de campanha do Presidente do Senado é investigado por dinheiro da previdência do Amapá posto no Master, ou o Presidente da Câmara vai com o jatinho do Tigrinho para paraíso fiscal e de jogatina no Caribe, então a crise também está no Legislativo.

Crise nos três poderes e no dito quarto poder, o jornalismo. Certamente a dosimetria vai discutir os absurdos de penas de gente condenada por atacado, sem individualização dos crimes, sem juiz natural, com prisão por perfídia. Vão aparecer sinais gritantes de injustiça, como o caso do senhor Hahn, condenado a 14 anos por doar 500 reais para fretar ônibus a Brasília, tal como a Débora, por associação criminosa armada para derrubar o estado de direito - como se batom fosse arma - e dano qualificado e deterioração de patrimônio tombado, sem que tivesse prejudicado uma única molécula do granito da deusa da Justiça. Então nós, do "quarto poder" vamos perceber que em boa parte ficamos em silêncio diante do arbítrio, da injustiça, do exagero, do inconstitucional, do juízo de exceção proibido pelo inciso XXXVII do pétreo artigo 5º da Constituição - e vamos perceber que também estamos em profunda crise nos valores jornalísticos.

Esses quatro poderes não estão sós da crise. O brasileiro que se adapta à exceção, que não percebe que em democracia precisa fiscalizar, criticar, cobrar e votar bem, também está em crise de cidadania - e essa gera todas as demais, porque permite, na sua alienação, que usem seus poderes e o fruto de seu trabalho para se comportar indecorosamente, desrespeitar as leis, agir como se não existissem "213 milhões de pequenos tiranos" a aspirar respeito aos impostos que são obrigados a pagar, aos votos que são obrigados a registrar nas urnas - agora infantilizadas por esse boneco porta-voz "Pilili", como se votar fosse brincadeira. Se está errado assim, e por isso estamos atrasados, carentes de segurança física e jurídica, já não seria hora de dar um reset neste país?

O leitor pode julgar utópica essa sugestão. Temos superabundância de riqueza natural, o que torna até pecaminoso o nosso imobilismo. Mas, com a cultura do deixa estar, só numa epifania nacional. Uma redescoberta de nós mesmos, de nossos lares, de nossas escolas, de nossas instituições. Da meritocracia, do livre mercado, das liberdades, da iniciativa privada, do direito de propriedade, do respeito à lei e à ética. Gilmar Mendes identifica a crise geral. Teria ele idéia de por onde começar a trocar crise por paz, bem-estar, estabilidade, fartura? Penso que se precisa começar pela menor das minorias: o indivíduo. Cada um se perguntando o que poderia fazer para melhorar a própria vida. O coletivo disso poderia ser o reinício. Uma nova descoberta. Novos Cabrais avistando a nova e rica terra.

EDITORIAL

A geração que perdeu a confiança no futuro

Durante décadas, a juventude foi associada à esperança. Era o período de fazer planos, escolher uma profissão, conquistar o primeiro emprego, sair da casa dos pais, comprar um imóvel e construir uma família. O futuro, mesmo cercado de incertezas, era visto como uma promessa. Para uma parcela crescente dos jovens brasileiros, entretanto, essa perspectiva parece ter perdido força. O que antes representava uma etapa de conquistas passou a ser, para muitos, uma corrida permanente contra as dificuldades econômicas e a falta de oportunidades.

Não se trata simplesmente de uma geração menos ambiciosa, menos disposta ao trabalho ou mais imediatista, como frequentemente sugerem algumas interpretações. O que está em discussão é uma mudança concreta nas condições de vida. Estudar já não representa garantia de ascensão profissional. Ter um diploma não significa necessariamente conseguir emprego compatível com a formação. Trabalhar em tempo integral tampouco assegura renda suficiente para conquistar independência financeira. A promessa de que esforço e dedicação seriam recompensados parece, para muitos, cada vez mais distante da realidade.

O mercado de trabalho ajuda a explicar esse sentimento. A expansão de contratos temporários, da informalidade e de ocupações mediadas por plataformas digitais criou novas possibilidades de renda, mas também ampliou a insegurança. Motoristas, entregadores, prestadores de serviços e trabalhadores sem vínculo formal podem até encontrar alternativas para sobreviver, mas nem sempre conseguem planejar o futuro. Sem estabilidade, proteção social adequada e previsibilidade de ganhos, torna-se difícil assumir compromissos de longo prazo.

A moradia é outro obstáculo decisivo. Em grandes centros urbanos e em cidades de médio porte, o preço dos imóveis e dos aluguéis consome uma parcela significativa da renda. Para quem está começando a vida profissional, sair da casa dos pais pode representar um compromisso financeiro quase impossível. A compra do primeiro imóvel, que já foi um dos principais símbolos de estabilidade e patrimônio, tornou-se um objetivo distante para muitos trabalhadores jovens. Não basta ter emprego: é preciso que o salário permita viver.

A situação produz consequências que ultrapassam o campo econômico. Adiar a saída da casa dos pais, postergar a formação de uma família, desistir de determinados projetos pessoais ou aceitar trabalhos muito abaixo da qualificação são decisões que refletem limitações materiais. A independência, nesse contexto, deixa de ser uma escolha individual e passa a depender de condições que nem sempre estão ao alcance de quem está começando.

OPINIÃO DO LEITOR

Talento imenso

Kimi Antonelli é campeão do mundo de Fórmula 1 de 2026! Dirigiu brilhante nesta temporada, Antonelli, lenda absoluta! Novato da década. Quanta emoção. Antonelli chegou à Fórmula 1 no ano passado, pela Mercedes, e, esse ano, mostrou que seu talento é imenso. Kimi Antonelli superou Sebastian Vettel e se tornou o mais jovem campeão mundial da história de todos os tempos!

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-202

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal